

UFF – UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
Instituto de Artes e Comunicação Social

JEFFERSON DO CARMO OLIVEIRA JÚNIOR

ANÁLISE CRÍTICA DE SITES JORNALÍSTICOS DE MÍDIA EVANGÉLICA

Niterói
2015

Projeto Experimental em JORNALISMO

Universidade Federal Fluminense
Instituto de Arte e Comunicação Social (IACS)
Curso de Comunicação Social

ANÁLISE CRÍTICA DE SITES JORNALÍSTICOS DE MÍDIA EVANGÉLICA

Projeto Experimental apresentado por Jefferson do Carmo Oliveira Júnior (11130055) como requisito obrigatório para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social – habilitação Jornalismo – sob a orientação do Professor Dr. Márcio Castilho

IACS/UFF
Niterói
Novembro de 2015



UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE



IACS

INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL

CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

PARECER

Aos 9 dias do mês de Novembro de 2015, reuniu-se no Instituto de Arte e Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense a Banca Examinadora designada para avaliar o Projeto Experimental de Jefferson do Carmo Oliveira Júnior, matrícula UFF 11130055, habilitação Jornalismo, sob o título *Análise crítica de sites jornalísticos de Midia Evangelica*.

Em sessão secreta, a Banca deliberou pela: aprovação () reprovação do(a) aluno(a), com a nota 7,5 (BOA E MELH).

A MONOGRAFIA APRESENTA RECURSOS HISTÓRICOS RELEVANTES SOBRE AS LOJAS TRANSNACIONAIS NO BRASIL E O CONSUMIDOR NOS SEUS PAÍSES. O ALUNO DEMONSTRA OSTRUMENTAÇÃO CRÍTICA EM RELAÇÃO AO TÍTULO ANALISADO.

Niterói, 09 de Novembro de 2015

Orientador(a):

NOME Marcos Casallo ASSINATURA

Banca:

NOME João Batista de Azevedo ASSINATURA

NOME Harissa Mendes ASSINATURA

A minha família,
Com todo o amor.

AGRADECIMENTOS

A Jesus Cristo, por sua graça, Deus Pai, por seu amor, e ao Espírito Santo por sua comunhão.

À minha mãe que sempre me ensinou que o conhecimento é uma das maiores alegrias do viver.

A meu pai por confiar em mim por me fazer aprender que preciso tentar até conseguir.

À minhas irmãs por todo o amor que sempre me dedicaram.

A tantos amigos que acumulei em anos de caminhada

A meu orientador, por me ajudar a perceber o melhor caminho na elaboração de um trabalho qualificado.

A todos os contribuintes deste país que me asseguraram lugar nessa universidade.

“A paz, se possível, mas a verdade, a qualquer preço”
(Martinho Lutero)

SUMÁRIO

Introdução	9
1. Histórico dos Evangélicos	12
1.1 <i>O Censo do IBGE</i>	12
1.2 <i>Os Primórdios</i>	13
1.3 <i>Denominações Históricas</i>	14
1.3.1 <i>Informações Históricas das Igrejas</i>	15
1.4 <i>Explicando as Ondas</i>	16
1.5 <i>A Primeira Onda Pentecostal</i>	16
1.5.1 <i>As igrejas da primeira onda</i>	17
1.6 <i>A Segunda onda Pentecostal</i>	18
1.6.1 <i>As Igrejas da Segunda Onda</i>	18
1.7 <i>A Terceira Onda: O Neopentecostalismo</i>	19
1.7.1 <i>As Igrejas da Terceira Onda</i>	20
1.8 <i>Entendendo o fenômeno pela sociedade</i>	20
1.8.1 <i>Como as ênfases ajudaram essas igrejas a crescer</i>	21
1.8.2 <i>Difícil relação com o ecumenismo</i>	22
1.8.3 <i>Classes sociais</i>	23
1.8.4 <i>Influências Estrangeiras</i>	23
1.9 <i>Os dias atuais</i>	24
2. Os Evangélicos, a Mídia e o Poder	26
2.1 <i>Características da mídia no Brasil</i>	26
2.1.1 <i>Curadoria</i>	27
2.1.2 <i>Hegemonia Cultural e relações de poder</i>	27
2.1.3 <i>Pró-hegemonia</i>	28
2.1.4 <i>Terra sem lei</i>	29
2.1.5 <i>Oligopólios e Igrejas</i>	30
2.2A <i>Política e a mídia para as igrejas</i>	31
2.2.1 <i>A Relação com a política</i>	32
2.2.2 <i>Relação com a mídia</i>	33

3. Histórico.....	35
3.1 <i>Gospel Mais.....</i>	36
3.2 <i>Gospel Prime.....</i>	36
3.3 <i>Análise das produções comuns.....</i>	37
3.3.1 Política.....	38
3.3.2 Famosos.....	41
Conclusão.....	45
Referências Bibliográficas.....	48

Introdução

É comum no jornalismo o discurso da imparcialidade como forma de legitimar o trabalho jornalístico. Esse ideal é muitas vezes discutido em função da ideia de as empresas jornalísticas e seus funcionários terem posições em relação à maioria das reportagens que venham a produzir. Esse tipo de questionamento leva-nos a observar os posicionamentos dos veículos e dos jornalistas envolvidos em determinadas matérias.

Este trabalho pretende examinar o jornalismo produzido por veículos que possuem uma orientação religiosa. Nesse caso os evangélicos, grupo que analisaremos. Assim nossa intenção é averiguar se o que é produzido é influenciado por alguma forma de fé, mais especificamente a fé protestante, e o modo como se enquadra no jornalismo. As especificidades de crenças e a construção jornalística serão analisadas neste trabalho.

Verificaremos o histórico desse grupo para entender a sua relação com a mídia. Percebemos que, ao longo dos anos, a posição de alguns grupos evangélicos mudou diante da possibilidade de propagação de ideias que a transmissão de massa permitiu. Tentaremos compreender como essas alterações se deram, e de que forma isso influenciou na massiva presença evangélica nos meios de comunicação.

Para isso, buscamos veículos com alguma tendência religiosa e encontramos os objetos de estudo deste trabalho que apresentam abertamente suas crenças, produzindo reportagens em diferentes áreas, sempre voltadas a um público-alvo praticante de religião evangélica. Os portais estudados foram o Gospel Mais e o Gospel Prime.

Esses veículos têm uma plataforma expressiva de assinantes - ambos afirmam ter mais de três milhões de visualizações mensais. Em seus editoriais, os veículos reafirmam sua fé, com observações sobre suas crenças cristãs. As matérias apresentadas tratam do universo evangélico.

Não foi encontrada nenhuma bibliografia específica sobre esse assunto. Porém, para elaboração deste trabalho, consideramos alguns estudiosos de diferentes campos. Primeiramente, foi feito um resgate histórico da presença dos evangélicos no Brasil. Nessa área destacamos o historiador Alderi de Souza Matos e o sociólogo Ricardo Mariano como principais fontes.

Na segunda parte do trabalho, ao observar o envolvimento dos evangélicos com a mídia e com a política, utilizamos o material de estudiosos como Denis de Moraes, e Venício A. de Lima, para um entendimento melhor dessas áreas. Estudamos o desenvolvimento do fazer notícia no Brasil e a forma como isso afetou o surgimento de

uma mídia alternativa que disputa espaço com os veículos tradicionais. Depois analisamos o trabalho de Raquel Paiva para entender o conceito de pró-hegemonia, numa tentativa de notar sua relação com um grupo que não é hegemônico, mas deseja obter uma hegemonia nos meios de comunicação.

Posteriormente em nossa pesquisa e análise, recuperamos as considerações de Nelson Traquina sobre o jornalismo para melhor entendimento dos critérios de valor-notícia que permeiam a produção das empresas jornalísticas, mesmo as evangélicas. Também o jornalismo de segmentação através das características apresentadas por Marília Scalzo para notar suas similaridades com a produção específica dos portais analisados.

O jornalismo utiliza-se da ideia de imparcialidade, mas é importante averiguar quão imparcial sua visão de mundo será, mediante o fato de tratar-se de uma pessoa, pois o jornalista faz parte do mosaico de pensamentos que compõe o mundo sobre o qual escreve. Esse trabalho pretende observar um jornalismo que tem uma orientação específica. Quais são as especificidades quando se tem um posicionamento claro quanto ao tema e como isso afeta a produção da notícia?

Considera-se que um jornalismo que apresente claramente algum tipo de fé não possa ser posto numa categoria simples de jornalismo. Pretendemos uma comparação com o jornalismo de segmentação, visto que há uma especificidade de público por trás da construção dessas notícias. As reportagens são voltadas para pessoas evangélicas. Assim a crença estará presente na escolha de pautas e pela abordagem daquilo que se apresenta ao público que compartilha dessa fé. Pretendemos apurar estas questões.

Num espaço de duas semanas após o segundo turno das eleições presidenciais de 2014, entre os dias 27 de outubro e 9 de novembro, foi feita uma análise de enfoque nas notícias veiculadas pelos objetos desta pesquisa. Observamos os temas e a sua prevalência diante de outros tópicos ao longo do período proposto para tentar entender a presença, a manutenção de assuntos nas apresentações dos supracitados portais.

O trabalho tem três capítulos. No primeiro é realizado um apanhado histórico da presença dos evangélicos no Brasil. Neste ponto, pretendemos questionar o quanto as origens desse grupo interferem em suas posições na política e na mídia atuais. Inclusive a forma como o histórico define em alguns aspectos a escolha das pautas que serão estudadas a seguir. Observaremos as razões do crescimento e da presença desse grupo religioso na mídia e na política. No segundo capítulo discutimos a política e a mídia de maneira mais direta e mais próxima do momento atual deste grupo. Embora não seja

uma mídia hegemônica, esse grupo pode ser qualificado como contra-hegemônico ou caracteriza um tipo diferente de ação na mídia, buscando tornar-se hegemônico? A presença política desse grupo também é analisada e observada para uma melhor compreensão da cobertura da própria mídia. No terceiro capítulo fazemos nossa análise quanto aos posicionamentos e as escolhas feitas por este grupo no desenvolvimento da notícia. A questão que baliza esse trabalho é que tipo de jornalismo esse grupo produz.

1. Histórico dos Evangélicos

Os evangélicos são um forte grupo religioso no Brasil. Porém, num país de origem católica, o fenômeno do crescimento dos evangélicos merece observações sobre o como e o porquê de tal crescimento. Portanto aqui pretendemos apresentar como se desenvolveu a presença dos protestantes no Brasil e demonstrar assim as fases e as igrejas que compõem a identidade religiosa desse grupo.

Cumpra esclarecer o significado do termo evangélico no Brasil. O termo trata daqueles que são cristãos oriundos da reforma protestante. O que termina por abranger um grupo considerável de pessoas e denominações, com grandes diferenças entre elas. O sociólogo Ricardo Mariano definiu:

... o termo evangélico, na América Latina, recobre o campo religioso formado pelas denominações nascidas na e descendentes da Reforma Protestante europeia do século XVI. Designa tanto as igrejas protestantes históricas (Luterana, Presbiteriana, Congregacional, Anglicana, Metodista e Batista) como as pentecostais (Congregação Cristã no Brasil, Assembléia de Deus, Evangelho Quadrangular, Brasil para Cristo, Deus é Amor, Casa da Bênção, Universal do Reino de Deus etc.) (MARIANO, 2005, p. 10)

Em virtude dessa generalização, muitos membros de igrejas históricas tendem a rejeitar o título “evangélico” e utilizar “protestante” ou “histórico”. Para simplificação, este trabalho utilizará o termo evangélico, a não ser quando uma diferenciação se mostrar necessária pela comparação ou situação imposta.

1.1 O censo do IBGE

O censo realizado pelo IBGE em 2010 trouxe novidades quanto à força dos evangélicos no Brasil. O crescimento foi de 61% em relação ao censo anterior, feito em 2000, ou seja, os números foram de 15,4% da população para 22,2%. Outros grupos¹ como os espíritas e os sem religião também cresceram, mas os evangélicos foram o de maior crescimento, mantendo a posição de segundo maior grupo religioso do país.

O censo também demonstrou que houve uma diminuição na força dos neopentecostais e pentecostais. Em outros períodos esses grupos puxaram os índices de evangélicos, tornando-se a maioria desse grupo a partir do censo dos anos 90, quando o número de evangélicos era de 9% da população. Porém, no censo mais recente, o número desses grupos não sofreu grandes mudanças. O que puxou o crescimento dos

¹ Os católicos representam 64,6% da população, os sem religião são 8%, e os espíritas tem 2%, as outras religiões somadas compõem 3,1%.

evangélicos foram as denominações históricas e um novo grupo de evangélicos (em outros censos eles não foram contabilizados), os nominais, que seriam os evangélicos que declaram não fazer parte de nenhuma igreja.

O censo de 2010 também demonstrou que na população com renda per capita inferior a um salário mínimo, os evangélicos já são maioria em relação aos católicos. Esses números demonstram os grupos nos quais os evangélicos mais cresceram, embora deva-se observar que eles representam uma parcela considerável da população nas principais divisões de rendas.

Portanto o mesmo censo apresenta o crescimento numérico dos evangélicos no Brasil, que cada vez mais os torna um grupo mais forte na mídia, na política, na cultura e em diversas outras áreas. Neste ponto apresentaremos um breve histórico do surgimento e crescimento dessas igrejas.

1.2 Os primórdios

O início dessa apresentação visa mostrar os primórdios dos evangélicos no Brasil até os dias atuais. Foram utilizados para elaborar essas informações historiadores como Alderi de Souza Matos, Paul Freston e Antônio Gouveia Mendonça. Assim faremos um breve relato da entrada das principais igrejas protestantes estrangeiras presentes no Brasil. Além disso, seguem-se algumas datas icônicas da presença dos protestantes no país e o início de sua influência.

Entre os séculos XVI e XVII houve três eventos ligados à presença protestante no Brasil. O primeiro deles merece especial destaque. Durante a implantação da França Antártica, entre 1555 e 1560, alguns Huguenotes (protestantes franceses) vieram para o Brasil num acordo para sua fuga da perseguição religiosa e evangelização da região e, em troca, aumentavam o número de homens na França Antártica para a defesa do território.

Com a chegada desses protestantes foi realizado o primeiro culto evangélico do Brasil, em 10 de Março de 1557, posteriormente também seria redigida a primeira Confissão de Fé das Américas, dois eventos marcantes para os protestantes. Matos narra os acontecimentos que levaram a elaboração da confissão de fé:

Em resposta a uma série de perguntas apresentadas pelo comandante, esses homens escreveram um belo documento, a *Confissão de fé da Guanabara* (1558). Três deles foram executados por causa de suas

convicções. André Lafon, o único alfaiate da colônia, teve a vida poupada. (MATOS, 2011)

As outras duas presenças protestantes ocorreram por causa da dominação holandesa, tanto no ataque a Salvador em 1624, dominação que durou um ano, e do período em que o Nordeste esteve nas mãos holandesas entre 1630 e 1654. Nos dois casos, a presença protestante se dava apenas entre os estrangeiros com pequenos atritos com os brasileiros.

Além desses eventos, não há muitos outros relatos da presença protestante no Brasil até a vinda da corte portuguesa.

1.3 As denominações históricas

Alder de Souza Matos determina a chegada da família real portuguesa como o primeiro evento que abriu o Brasil aos evangélicos. Isso se deu por causa da simbólica data histórica da abertura dos portos em 1808. Com o comércio com a Inglaterra realizado de forma direta, os brasileiros passaram a ter maior contato com os ingleses. E a presença destes levou os portugueses a permitirem que os estrangeiros realizassem os cultos de sua própria fé no Brasil. Embora o contato com os brasileiros fosse pequeno e, apesar de alguns poucos registros, não deixou tantas marcas.

Com a independência, em 1822, o governo entendeu ser necessário atrair imigrantes europeus para o país e isso incluía protestantes. A constituição de 1824 garantia a religião Católica como oficial, mas trouxe a liberdade de culto aos protestantes que viessem para o Brasil, ainda que com restrições que Matos explica:

Com a independência do Brasil, surgiu a necessidade de atrair imigrantes europeus, inclusive protestantes. A Constituição Imperial, promulgada em 1824, concedeu-lhes certa liberdade de culto, ao mesmo tempo em que confirmou o catolicismo como religião oficial. Até a Proclamação da República, os protestantes enfrentariam sérias restrições no que diz respeito ao casamento civil, uso de cemitérios e educação. Desde o século 18, começaram a se tornar influentes no Brasil novos conceitos e movimentos surgidos na Europa, tais como o iluminismo, a maçonaria, o liberalismo político e os ideais democráticos americanos e franceses. Tais idéias tornaram-se especialmente influentes entre os intelectuais, políticos e sacerdotes, e tiveram dois efeitos importantes na área religiosa: o enfraquecimento da Igreja Católica e uma crescente abertura ao protestantismo. (MATOS, 2011)

Durante o governo de D. Pedro II foram elaboradas algumas regras para as igrejas, como a necessidade de que estas não tivessem nada que se caracteriza um templo, tal qual um símbolo de cruz.

Ao longo do período imperial, os evangélicos tiveram muitos avanços na busca por igualdade de direitos em relação aos católicos. Até que, em 1890, com a separação de Igreja e Estado no período republicano, partes desses direitos foram assegurados. Muitos dos missionários que iniciaram trabalhos de evangelização ao longo desse período participaram da busca de direitos, como o de evangelizar brasileiros, com destaque para Robert Reid Kalley, que consultou juristas para invalidar pressões feitas pelas autoridades contra as igrejas que ajudou a criar.

Durante esse período ocorreram outras transformações e os evangélicos tentaram crescer para outras regiões do Brasil. A partir de 1910, com o surgimento do movimento pentecostal apareceu um novo tipo de igreja que será explorado posteriormente.

Neste ponto pretendemos apresentar um rápido relato, com base nas pesquisas do historiador Alderi de Souza Matos e o sociólogo Ricardo Mariano, sobre algumas das denominações Históricas, ou seja, as primeiras a se instalarem no Brasil, durante o período até 1910.

1.3.1 Informações históricas das Igrejas

Um dos personagens dos primórdios das igrejas evangélicas no Brasil foi o escocês Robert Reid Kalley. Ele foi o fundador de três ramos da Igreja Congregacional do país. Essa igreja possui cerca de 110 mil membros. O que chama a atenção na participação de Kalley no surgimento dos evangélicos foi sua ênfase na busca de evangelizar brasileiros para obter o crescimento esperado.

Ashbel Green Simonton é outro missionário, nesse caso americano, que teve grande importância nos primeiros anos dos evangélicos no país. Ele é o fundador da Igreja Presbiteriana do Brasil que, segundo o último censo do IBGE, realizado em 2010, possui pouco menos de um milhão de membros. Simonton fundou um jornal, de nome Imprensa Evangélica, primeiro informativo declaradamente evangélico do país.

O missionário William Buck Bagby é o fundador da Igreja Batista, outro importante representante das denominações Históricas, que possui, segundo o censo de 2010, cerca de 3 milhões e 700 mil membros, o que faz dela a maior dessas igrejas. Além dessas, outras importantes igrejas históricas são: Metodista, Anglicana Episcopal e Luterana.

1.4 Explicando as ondas

Devemos observar que, depois do surgimento das igrejas históricas, surgem três períodos muito específicos para a história dos evangélicos no país. Esses períodos são divisões comumente adotadas por sociólogos para explicarem e fracionarem os movimentos evangélicos que surgiriam a partir daí no Brasil.

O historiador David Martin desenvolveu o conceito de três ondas para explicar a ascensão do protestantismo em sua história mundial. O sociólogo Paul Freston(2012), tentando definir e dividir formas de pensar, usou o mesmo conceito para tratar das igrejas brasileiras. Assim ele explica a divisão:

O pentecostalismo brasileiro pode ser compreendido como a história de três ondas de implantação de igrejas. A primeira onda é a década de 1910, com a chegada da Congregação Cristã (1910) e da Assembléia de Deus (1911) (...) A segunda onda pentecostal é dos anos 50 e início dos 60, na qual o campo pentecostal se fragmenta, a relação com a sociedade se dinamiza e três grandes grupos (em meio a dezenas de menores) surgem: a Quadrangular (1951), Brasil para Cristo (1955) e Deus é Amor (1962). O contexto dessa pulverização é paulista. A terceira onda começa no final dos anos 70 e ganha força nos anos 80. Suas principais representantes são a Igreja Universal do Reino de Deus e a Igreja Internacional da Graça de Deus (1980) (...) O contexto é fundamentalmente carioca. (FRESTON, 2012, p. 66)

1.5 A primeira onda pentecostal

No final do século XIX, um movimento diferenciado começou a atingir as igrejas. Seu principal foco eram questões como a santidade (vida em conformidade com o que é certo segundo a bíblia), escatologia (juízo final) e o Batismo do Espírito Santo, sendo este o meio pelo qual o fiel poderia compreender os outros dois. Esse movimento a partir de seus desdobramentos ficaria conhecido entre as denominações históricas, inclusive os católicos, como “carismático”. Entre denominações mais novas foi chamado de movimento “Pentecostal”.

Inicialmente esse fenômeno ocorreu nas ilhas britânicas e nos Estados Unidos. O movimento ficou conhecido como Pentecostal apenas depois dos eventos ocorridos na Rua Azusa em Los Angeles, Califórnia, em 1906, quando mais de cinco mil pessoas se converteram, na pregação do originalmente metodista William Seymour. Logo o movimento se espalhou e até cresceu com maior força no sul do Pacífico, na África, no Leste Europeu e na América do Sul.

Na década de 1910 esse movimento chegou ao Brasil. O primeiro representante e pregador foi o ítalo-americano Luigi Francescon. Ele já havia fundado uma igreja na

Argentina quando se mudou para o Brasil. Ele fundou a Congregação Cristã em 1910, uma divisão de uma Igreja Presbiteriana instalada no Brás, em São Paulo. Ele saiu alguns anos depois e fundou igrejas em outros países.

A primeira das ondas teria durado de 1910 a 1950. Franklin Ferreira(2013), em seu livro “A Igreja Cristã na História das Origens aos dias atuais”, observa:“As ênfases principais dos pentecostais clássicos são o Batismo no Espírito Santo, a busca por dons carismáticos e miraculosos, principalmente o ‘dom de línguas’, e uma liderança centralizada.” (FERREIRA, 2013, p.281-282)

O crescimento das igrejas pentecostais que se instalaram nesse período foi exponencial. Entre outros motivos para esse crescimento pode-se observar a falta de concorrência no tocante à pouca presença de outras denominações pentecostais nesse período. Alderi Souza de Matos(2011) observa:

Essas igrejas dominaram amplamente o campo pentecostal durante quarenta anos. A Assembléia de Deus foi a que mais se expandiu, tanto numérica quanto geograficamente. A Congregação Cristã, após um período em que ficou limitada à comunidade italiana, sentiu a necessidade de assegurar sua sobrevivência por meio do trabalho entre os brasileiros. É interessante o fato de que, quando chegaram os primeiros pentecostais, todas as denominações históricas já haviam se implantado no país: anglicanos, luteranos, congregacionais, presbiterianos, metodistas, batistas e episcopais. Todavia, o seu crescimento havia sido modesto. (MATOS, 2011)

Diferentemente de outros momentos da evangelização brasileira, a chegada desse movimento trouxe apenas duas igrejas. Isso explica o crescimento considerável delas no período. Neste trabalho pretendemos separar as três ondas tentando demonstrar a evolução histórica deste grupo e dos evangélicos no país. Assim apresenta-se um estudo sobre esse período por meio das igrejas que surgiram no período e sua relação com a mídia e a política.

1.5.1 As igrejas da primeira onda

Há apenas duas igrejas notáveis nessa fase. A primeira é a Assembleia de Deus. Essa igreja tem como diferencial a sua origem no norte do país. Ela também expandiu-se muito rapidamente, graças a muitas viagens de seus fundadores. Hoje essa igreja é a que tem maior número de membros no Brasil, com mais de 12 milhões². No início a Assembleia não tinha uma boa relação com a mídia, com seus pastores incentivando os

² Dados do IBGE 2010

membros a se distanciarem de rádios e outros elementos da comunicação da época. Com o tempo essa posição foi se afrouxando, permitindo a seus pastores se tornarem muito conhecidos graças aos meios de comunicação. Isso também fortaleceu essa igreja na política, tendo entre os deputados eleitos nas eleições de 2010, e reeleito em 2014, o deputado Pastor Marcos Feliciano³ (PSC), além do muito envolvido e conhecido na política pastor Silas Malafaia⁴.

A outra igreja que compõe esse período é a Congregação Cristã. Essa também teve um relacionamento de distanciamento da mídia no seu início. Ela permanece assim, evitando utilizar qualquer forma de meio de comunicação para autopromoção e envolvimento com política, proibindo que qualquer membro do seu grupo de pastores possa se candidatar ainda no exercício da função.

1.6 A segunda onda pentecostal

É um período que se inicia na década de 1950, na divisão feita por Freston e seguida pelos historiadores estudados. No âmbito político, o diferencial deste período é a autonomia das igrejas, já que essas se caracterizam por certas liberdades em relação a suas denominações centrais. Por essa razão, esse é um período de muitas denominações independentes.

Esse movimento tem seu início no Brasil atrelado aos missionários da Igreja do Evangelho Quadrangular, que será apresentada mais a frente. Com a chegada desses missionários e de outros grupos, o enfoque das igrejas pentecostais sofreu algumas mudanças. Uma das mais claras foi a decisão de enfatizar a ideia da cura divina, sendo esta uma de suas principais bandeiras. Franklin Ferreira(2013) destaca algumas outras: “Diferentemente dos pentecostais clássicos, além de enfatizarem as curas divinas, esses novos grupos passaram a praticar o exorcismo e a usar uma música mais popular com ritmos nacionais durante cultos num ambiente informal.” (FERREIRA, 2013, p.282)

Neste ponto pretendemos apresentar um pouco da história de algumas das principais igrejas que surgiram durante este período.

1.6.1 As igrejas da segunda onda

³Marco Feliciano é pastor da Catedral do Avivamento, igreja ligada à Assembleia de Deus. Ele foi eleito Deputado Federal por São Paulo em 2010 com mais de 212 mil votos, e reeleito em 2014 com mais de 390 mil.

⁴Silas Malafaia é o pastor líder de um ramo da Assembleia de Deus, o ministério Vitória em Cristo. Ele afirma não ter a intenção de concorrer a cargos públicos, porém tem atuação na política, organizando manifestações como a Marcha pela Família, em 6 de Junho de 2013, reunindo mais de 100 mil pessoas.

Em contraponto à primeira onda, muitas denominações diferentes surgiram durante a segunda onda. A maior igreja a surgir nesse período foi a Igreja do Evangelho Quadrangular. Esse grupo tem mais de dois milhões de membros⁵, e é responsável por visitas de missionários que são considerados por historiadores, como Alderi de Souza Matos, como marcos do início da segunda onda.

A Igreja Evangélica Brasil para Cristo é uma importante igreja do período por ser pioneira na utilização de horários de rádio por pastores, em 1970. O programa é transmitido até hoje. O pastor fundador da igreja, Manoel de Melo, também foi a primeira liderança evangélica a aparecer na capa da revista *Veja*⁶, em 1981. Outro exemplo de igreja pioneira no envolvimento com a mídia foi a igreja cristã Nova Vida, a primeira a colocar um evangelista na televisão, no caso o bispo Roberto McAlister.

A segunda maior igreja desse período é a igreja Deus é Amor. Essa igreja conta com mais de 800 mil membros, segundo o censo do IBGE de 2010. Segundo Ricardo Mariano, ela se diferencia de outras por ser contrária à ideia de seus membros lerem a bíblia (ou interpretarem-na) fora da igreja. Também prega um afastamento da mídia por seus membros que não devem se utilizar delas a não ser que estejam ligadas à igreja, entre outras regras.

1.7 A terceira onda: o neopentecostalismo

A terceira onda do pentecostalismo brasileiro tem diferenças mais claras em relação às origens desse movimento, a ponto de receber o título de neopentecostal. Esse movimento surgiu no Brasil no final da década de 70 e início de 80. As igrejas de maior popularidade do período são fundadas por brasileiros, e com características específicas. Ferreira(2013) apresenta:

Suas principais ênfases são os sinais e maravilhas, com fortes elementos mágicos; confrontos com poderes demoníacos (exorcismos) e manifestações emocionais fortes; ensino da prosperidade, que enfatiza que o estar bem com Deus é prosperar financeiramente; e a noção de 'guerra espiritual'. (FERREIRA, 2013, p.282)

Este período vai apresentar uma das igrejas mais fortes no que diz respeito à mídia, a Igreja Universal do Reino de Deus. Duas dissidências dela vão compor o grupo de igrejas que cresceram nesse período.

⁵ Dados do IBGE 2010

⁶ A reportagem de capa chamava-se: "Pentecostais: O milagre da multiplicação", falando sobre o crescimento rápido desse grupo no Brasil(Outubro de 1981).

1.7.1 As igrejas da terceira onda

As igrejas da terceira onda, assim como as da segunda, geraram muitas outras denominações por meio de dissidências. Uma característica comum também é o grande número de veículos de mídia. Todas as igrejas que surgiram nesse período e que cresceram em número de membros entraram em todas as formas de mídia, e muitas vezes o número de canais, rádios, e jornais tende a refletir no número de membros.

A Igreja Universal do Reino de Deus, conhecida como IURD, é a maior denominação desse período. Ela foi fundada por Edir Macedo, dono da Rede Record. A igreja surgiu na década de 80 e acumulou acusações de charlatanismo, coincidindo com um período em que esteve na prisão⁷ em 1992. A IURD foi uma das primeiras igrejas a se lançar diretamente na política, com muitos candidatos diretamente ligados a ela. Sofreu duas cisões que geraram outras importantes igrejas, a Mundial do Poder de Deus e a Internacional da Graça de Deus.

De acordo com o censo do IBGE de 2010, a IURD tem 1,8 milhão de membros, o que faz dela a quinta maior denominação evangélica do país. Matos(2011) cita Freston para explicar a forma de administração da IURD:

A ética da IURD pode ser contrastada com a da [Assembléia de Deus]. Esta representa a ética tradicional do capitalismo primitivo, uma luta longa e árdua para alcançar a modesta respeitabilidade pequeno-burguesa. A Universal, por outro lado, encarna uma versão religiosa da *éticayuppie*, o enriquecimento súbito através de jogadas audaciosas (FRESTON, apud: MATOS 2011, p.150)

Outras importantes igrejas do período são a Igreja Renascer em Cristo e a comunidade evangélica Sara Nossa Terra. A primeira se notabilizou por ter um grupo de membros das classes C e B. Já a Sara Nossa Terra também se notabiliza por seus projetos sociais. Ambas têm emissoras de televisão, rádio dentre outros veículos.

1.8 Entendendo o fenômeno pela sociedade

Há diversas características que distinguem os evangélicos de outros grupos da sociedade brasileira. Há igualmente características que os distinguem entre si e outras que aproximam modos de vida comuns até versões ainda estereotipadas do que é ser um evangélico.

⁷ Macedo foi denunciado pelo Ministério Público por “delitos de charlatanismo, estelionato e lesão a credence popular”. O período de prisão foi de 15 dias, e ele foi inocentado.

Em certo sentido, essas características de interação com a sociedade e mesmo com os meios de comunicação tendem a demonstrar a forma de pensar dessa parcela da população e apresentam algumas razões para o crescimento deste grupo (em especial, os pentecostais).

Neste ponto do trabalho abordaremos quatro características: as ênfases dos pastores, a relação com o ecumenismo, as classes sociais e a influência estrangeira. Os sociólogos estudados, como Ricardo Mariano e Alberto Antoniazzi, utilizam essas características para diferenciar os evangélicos e demonstrar como essas formas de pensar definem a evolução dos números e das correntes evangélicas no Brasil.

1.8.1 Como as ênfases ajudaram essas igrejas a crescer

As ênfases de cada período defendem a antiga mensagem protestante com a ideia de que os crentes por meio da fé receberão a salvação. Isso acompanhado de uma busca por ensinar a bíblia que termina por ser parte importante da doutrina desses grupos. Assim a ênfase a princípio era mais focada no ensino e na pregação protestante clássica.

A partir da primeira onda há um imediatismo na palavra apresentada. Pretende-se que pela exposição da ira e do inferno as pessoas se interessem pela doutrina. Mas a grande ênfase desse grupo é o batismo pelo Espírito Santo que, grosso modo, leva o fiel a praticar glossolalia (pretensa faculdade de falar línguas estrangeiras sem nunca ter estudado).

Pode-se afirmar que os grupos das duas primeiras ondas eram pentecostais por uma série de fatores. Um exemplo disso é o fato de que os dois grupos enfatizam o batismo pelo Espírito Santo, mas com um dom (que crê-se advém desse batismo) diferente recebendo enfoque. Na primeira onda havia uma ênfase na necessidade da prática da já citada glossolalia; já na segunda onda observa-se a cura miraculosa. Na realidade, Mariano(2005) destaca a importância desse enfoque para o crescimento do grupo da segunda onda:

A ênfase teológica no dom da cura divina a partir dos anos 50 foi crucial para a aceleração do crescimento e diversificação institucional do pentecostalismo brasileiro. As maiores e mais representativas denominações da segunda onda, (...), continuam a enfatizá-la, visto que a cura constituiu um de seus mais poderosos recursos proselitistas. (MARIANO, 2005, p. 31)

As neopentecostais têm características mais claras que as diferenciam. Os estudiosos divergem quanto a algumas, mas há relativa concordância de que os pentecostais se diferenciam pelo aspecto maniqueísta de uma guerra contra o diabo, trazendo grande enfoque a esse ponto. Também a utilização das ideias da teologia da prosperidade, uma corrente teológica que defende uma vida bem sucedida como característica natural de uma pessoa que entrega sua vida a Jesus. Há, ainda, uma flexibilidade quanto a alguns dos comportamentos que caracterizavam os pentecostais mais antigos, como o uso de vestimentas.

1.8.2 Difícil relação com o ecumenismo

Pode-se dizer que todos os grupos protestantes fortes têm uma relação difícil com o ecumenismo. Mas essa relação também é diferente entre os grupos e suas determinadas épocas.

Por estarem ligadas aos primórdios, as igrejas históricas não têm grandes atritos no início de sua história por serem igrejas que ainda estavam tentando se legitimar frente ao poder do catolicismo. Posteriormente aconteceriam mais atritos.

As igrejas das duas primeiras ondas têm uma relação mais difícil. Tanto com os católicos, com os quais têm uma relação de enfrentamentos por causa de posições teológicas quanto com os cultos afro-brasileiros, que já começavam a enfrentar oposição das igrejas.

No meio neopentecostal a disputa se torna ainda mais difícil. Como já foi observado, as igrejas dessa corrente criam uma dicotomia entre Deus e o Diabo. Não raro praticam exorcismos diante de seus fiéis e tendem a entrevistar os “demônios”. Nessas entrevistas não é incomum o “possuído” falar seu nome que costuma ser o de alguma entidade dessas religiões. O antropólogo Jungblut (1992) observa como a IURD centra seus cultos na oposição ao Diabo e seus aliados, que estão muito comumente representados em religiões mediúnicas.

Mariano faz referência a programas televisivos numa explicação dos chamados testemunhos, nos quais os fiéis assistem a outras pessoas apresentando como mudaram de vida graças à igreja, ou mesmo através dos exorcismos. Mariano(2005) apresenta alguns casos que assistiu na Rede Record:

Noutros testemunhos televisivos, que atingem o paroxismo nas madrugadas de sexta-feira, verificamos o fascínio dos pastores da referida igreja (IURD) pelos demônios, invariavelmente identificados aos cultos afro-brasileiros.

Para publicizar o poder exorcista de Deus e de seus intermediários na terra, as sextas a TV do bispo exibe os chamados ‘cultos de libertação’, cujos protagonistas, devidamente incorporados e solícitos, atendem pela alcunha de Exu Caveira, Maria Mulambo, entre outros. (MARIANO, 2005, p.17)

Essa citação demonstra a importância que as igrejas evangélicas dão aos “exorcismos” e a forma como estes evocam elementos das religiões afro-brasileiras. Isso evidencia parte das dificuldades que sempre geraram essa difícil relação com o ecumenismo.

1.8.3 Classes sociais

Os evangélicos têm seu início caracterizado pela adesão de estrangeiros. Foi assim que muitas das igrejas históricas se construíram, como a Anglicana Episcopal e a Luterana. Com o tempo, as igrejas históricas começaram a atingir o que pode ser considerado uma classe média do período imperial. Alguns dos missionários tinham até abertura para expor suas ideias a políticos proeminentes de pensamento mais liberal, visto que representavam a religião desses países liberais.

Com a chegada do pentecostalismo, este se difundiu entre as classes mais pobres. Mas com o tempo se permitiu atingir outros grupos. Ricardo Mariano observa que, embora ainda abriguem pessoas de baixa escolaridade e de renda mais baixa, hoje também há um número considerável de pessoas com um grau um pouco maior de escolaridade e de renda mais altas, contando com empresários e profissionais liberais.

As outras duas ondas pentecostais caracterizaram-se por igrejas que, em alguns casos, privilegiavam ou a classe média, como a Igreja Nova Vida, ou as classes “D” e “E”, como a Deus é Amor. Outras igrejas tentam englobar fiéis de todas as classes, em alguns casos em templos que ficam em localidades diferentes como forma de dividí-los.

1.8.4 Influências Estrangeiras

Os evangélicos surgiram no país por influência de pessoas das nações anglo-saxônicas. As igrejas históricas, tanto as que surgiram para estrangeiros quanto as que desde o início trabalharam com brasileiros, foram fundadas ou por europeus britânicos ou por americanos. Assim a influência anglo-saxão é notável nos primórdios. Isso explica as vestimentas que os reverendos costumavam usar, suas pregações e até mesmo a administração das igrejas.

A influência europeia permanece na segunda onda, afinal os fundadores das duas igrejas desse período são dois suecos e um italiano (respectivamente, Assembleia de Deus e Congregação Cristã). Apesar disso, a Assembleia vai se expandir entre brasileiros e, nos anos 40, registra-se que passou a funcionar de forma independente. A comunidade cristã já era independente, desde a saída de seu fundador, mas só começou a expandir seu trabalho a não italianos na década de 30.

A segunda onda pode ser o ponto no qual essa influência estrangeira diminuiria, já que a maioria das grandes igrejas foi fundada por brasileiros. No entanto, nota-se que a influência norte-americana cresceu e se tornou ainda maior em igrejas ligadas à terceira onda. Uma das razões é a cópia de formatos administrativos e teológicos praticados pelas igrejas. Além disso, Ricardo Mariano observa:

A influência estrangeira, naturalmente, se dá por múltiplos canais: da literatura (...), da vinda cada vez mais freqüente de teólogos e pregadores estrangeiros e igualmente da ida de brasileiros para participar de seminários e cursar faculdades teológicas nos Estados Unidos. (MARIANO, 2005, p. 40-41)

1.9 Os dias atuais

A divisão em fases não torna os períodos exclusivos. Assim as igrejas históricas permaneceram existindo. Ainda que muitas tenham recebido influências pentecostais, em muitos casos continuaram a defender os pontos e ser como sempre foram. Igualmente as denominações da primeira e segunda onda permaneceram, ainda que muitas tenham sido influenciadas pelas novas igrejas. Portanto é possível, atualmente no Brasil, conviver com igrejas que representem qualquer uma das fases apresentadas e até mesmo a combinação de diferentes denominações.

Assim é necessário compreender que o pensamento evangélico no Brasil é muito plural, inclusive pelo grande número de igrejas que permite uma grande variedade de visões de mundo e de formas de pensar. Os evangélicos não são uma massa unificada, o que exige uma aptidão política considerável se houver necessidade de negociar com eles. Para alguns pontos eles se revelam irredutíveis.

O que se pode afirmar é que os evangélicos se estabeleceram como o segundo grupo religioso do Brasil. Hoje já representam 22,2% da população e a previsão é de crescimento para o próximo censo. É, portanto, um grupo forte politicamente e que atualmente se relaciona de maneira muito específica com a mídia. A seguir,

pretendemos tratar da política e principalmente da relação dos grupos evangélicos com a mídia.

2. Os Evangélicos, a Mídia e o Poder

Neste ponto do trabalho pretendemos apresentar a relação entre os veículos de mídia, mais especificamente a mídia religiosa, e seus respectivos partidários e igrejas parceiras.

A relação da mídia religiosa com seus interlocutores é intensa, como qualquer tipo de mídia com engajamento político. Isso provém das relações dessas mídias com seu público, mas também evidencia o nascimento de um público, entre tantas segmentações, que se liga cada vez mais a uma determinada campanha religiosa, levando seu posicionamento político para as respectivas campanhas.

Pretendemos apresentar três aspectos: um apanhado histórico e de características da relação entre a mídia e as relações de poder, além de sua relação com o próprio público. Depois demonstrar as relações entre política e a mídia, e como isso interfere no parlamento brasileiro. Finalmente apresentar como essas relações de poder também se fazem presentes nas inúmeras igrejas do Brasil, em especial as evangélicas, com os primórdios do envolvimento dessas igrejas na comunicação e sua posterior construção de redes de comunicação de poder.

2.1 Características da mídia no Brasil

A imprensa deu seus primeiros passos no sentido de ser uma mídia organizada na segunda metade do século XIX. Isso trouxe duas conseqüências claras para a formação do conteúdo midiático brasileiro. A primeira é que, num país elitista e escravagista, seria difícil desenvolver um público de massa que compreendesse o que estava sendo apresentado. Para demonstrar isso, a historiadora Marisa Lajolo, citada por Venício A. de Lima(2010) diz:

além de freqüentador de Camões, além de precisar ser capaz de ler nas entrelinhas, além de precisar interessar-se por política e ser versado na geografia necessária para identificar os vários locais de onde provêm as notícias que lê, também deve fazer parte do horizonte de expectativas e de leituras [deste público leitor] um eventual gosto pelo romanesco e pelo folhetinesco (Lajolo, 2001, apud LIMA, 2010)⁸

Além dessa dificuldade, Lima observa que a mídia se desenvolveu como aquilo que a historiadora Emilia Viotti chama de “liberalismo antidemocrático”: “gerador de um sistema de mídia predominantemente privado comercial, oligopolizado e fortemente

⁸ Pode ser acessado em: <http://recid.redelivre.org.br/2010/09/28/etica-midia-poder-brasil/>

marcado pela presença de políticos profissionais e representantes de diferentes religiões como concessionários do serviço público de radiodifusão”(LIMA, 2010)⁹.

2.1.1 Curadoria

Uma das características que Lima demonstra sobre a mídia é a curadoria. Desde a chegada da radiodifusão ao país, em 1922, esse modelo foi implementado criando assim um sistema que posteriormente seria utilizado também pela TV. Nesse modelo, a emissora de rádio é uma concessão do Estado para ser administrada pela iniciativa privada.

Esse não era o único modelo disponível. Na mesma época, a Inglaterra estava optando por uma administração da radiodifusão feita pelo próprio Estado. Porém o Brasil absorveu o formato dos Estados Unidos, onde a união outorga esses veículos para a iniciativa privada.

O autor ainda observa que essa decisão foi tomada de forma autoritária, pois foi simplesmente uma oficialização de gabinete, sem qualquer forma de discussão pública a respeito do assunto. Portanto, embora regulada pelo Estado, a mídia no Brasil é em sua maioria produzida e sustentada pela iniciativa privada.

2.1.2 Hegemonia cultural e relações de poder

Moraes (2013) nos dá uma definição de Gramsci quanto à hegemonia:

Na perspectiva de Gramsci, o conceito de hegemonia caracteriza a liderança ideológica e cultural de uma classe sobre as outras. É obtida e consolidada em embates sociais que não comportam apenas as questões vinculadas às questões econômicas (ainda que esta interfira na organização e na transmissão dos valores culturais) e à organização política; englobam também visões de mundo que ambicionam conquistar consentimento a saberes, práticas, modelos de representação e concepções de autoridade e poder. As disputas por posições incluem assim o plano ético-cultural, as orientações ideológicas que querem legitimar-se socialmente e universalizar-se. (MORAES, 2009, p.35)

Essa apresentação nos permite entender a disputa que há entre diferentes visões de mundo que ocorre entre as lideranças desses blocos. Assim tenta-se produzir consenso de maneira a gerar hegemonia, ou seja, uma manutenção da ordem dominante no que tange às preferências da população. A mídia compõe a construção de tais visões.

⁹ Pode ser acessado em: <http://recid.redelivre.org.br/2010/09/28/etica-midia-poder-brasil/>

Por essa razão, Moraes nos oferece a perspectiva do “lugar crucial dos meios de comunicação na atualidade” (MORAES, 2013, p.45). O autor apresenta a ideia de como os jornais contribuem para a construção de uma compreensão dos “fatos sociais”. Ele observa o contexto atual da comunicação:

Na essência, o discurso midiático se propõe a determinar a interpretação dos fatos por intermédio de signos fixos e constantes que tentam proteger de contradições aquilo que está dado e parece como representação do real, como verdade. Tal discurso interfere preponderantemente na cartografia do mundo coletivo, propondo um conjunto de linhas argumentativas sobre a realidade, aceitas ou consideradas por amplos setores da sociedade. (MORAES, 2013, p.45)

O autor demonstra que a mídia nesse caso pode caracterizar um meio de “regular a opinião social”, por meio das corporações midiáticas. Assim determinados temas são agendados de forma a penetrarem no imaginário social, ou até mesmo o esvaziamento de outros pontos. Portanto, o objetivo seria formar consensos por meio de determinados conteúdos de maneira a consolidar visões e influenciar a opinião pública.

É claro que esses veículos têm determinados anunciantes e demandas sociais que eles não podem simplesmente ignorar. Mas também é notável que eles possuem o poder para inserir determinados itens nas discussões e enfraquecer outros debates quando entendem ser necessário.

2.1.3 Pró-hegemonia

Se inicialmente havia algo de contra-hegemônico na entrada dos evangélicos na mídia, isso rapidamente foi dando espaço a uma nova forma de agir. Os evangélicos cresceram e obtiveram maior espaço na mídia; com isso sua forma de desenvolver mudou radicalmente. Com a busca por uma maior exposição de sua fé e a exclusão de outros grupos, os evangélicos cresceram e passaram a buscar uma pró-hegemonia, conceito de Raquel Paiva (2007) aqui exemplificado:

Um exemplo ligado ao universo mercadológico da mídia: o cancelamento pelo Estado da licença para funcionamento de uma rede de televisão e a sua substituição por uma nova rede sem preconizar princípios regulatórios diferenciados para as emissoras, nem sequer anunciar grades alternativas de programação e produção. Trata-se de mero procedimento substitutivo, com aparências popularescas de postura contra-hegemônica, mas que se entende melhor como consolidação da hegemonia de Estado ou como uma ‘pró-hegemonia’ (PAIVA, 2007, p. 163)

Esse conceito demonstra o que se tornou a produção midiática dessas igrejas. Se no princípio havia algo de alternativo, a forma de agir mudou, e demonstrando que os evangélicos se tornaram um grupo em busca de poder, inclusive no espaço de produção midiático.

Esses termos levam a um entendimento de que esse grupo, com sua crescente presença nesses espaços, vai fechando portas para outros. Isso gera um discurso único que protege os interesses desse grupo, distante de qualquer contra-hegemonia que pudesse ter ocorrido no princípio.

Por essas razões configura-se algo diferente. Os evangélicos demonstram que estão interessados em obter mais espaço, mas não pretendem alterar, profundamente os valores de quem detém o poder hegemônico.

2.1.4 Terra sem lei

Venício A. de Lima(2010) também destaca a ausência de lei como uma característica marcante da mídia brasileira. Ou seja, não há uma regulação detalhada para a limitação da utilização da mídia. O autor observa que o melhor exemplo de algum tipo de regulação é o Código Brasileiro de Telecomunicações, de 1962, o código surgiu como um marco regulatório da radiodifusão e da telefonia brasileiras, mas com o surgimento de novas tecnologias, houve muitas alterações e acréscimos no código, e até a retirada da parte referente a telefonia, embora ele continua vigente, Venício afirma que o código se encontra “desatualizado”(Lima, 2010)¹⁰.

Outro problema examinado pelo autor é a falta de preocupação do legislativo com a existência de propriedades cruzadas. O autor observa que nunca houve uma tentativa efetiva por parte do Estado de controlar essa questão.

Nossa legislação nunca se preocupou de forma efetiva com a propriedade cruzada dos meios de comunicação. O mais próximo que chegamos dessa preocupação foi na década de 1960, durante o regime militar, quando houve uma tentativa, através do Decreto-Lei 236/1967, de se estabelecer limites para o número de concessões de radiodifusão que um mesmo grupo privado poderia controlar. Esses limites, no entanto, não foram obedecidos. O Estado, que é o órgão fiscalizador, jamais interpretou a norma legal como forma de regular a concentração da propriedade. (LIMA, 2010)¹¹

¹⁰ Pode ser acessado em: <http://recid.redelivre.org.br/2010/09/28/etica-midia-poder-brasil/>

¹¹ Pode ser acessado em: <http://recid.redelivre.org.br/2010/09/28/etica-midia-poder-brasil/>

A ausência de lei pode fazer que um mesmo grupo exerça o controle de diversos tipos de mídias, como revistas, jornais, rádios e emissora de televisão. Ele exemplifica isso citando os Diários Associados, de Assis Chateaubriand, e as Organizações Globo, da família Marinho, o maior grupo de mídia do Brasil, há algumas décadas.

O autor observa como a mídia, principalmente a eletrônica e, em especial, a televisão, foi utilizada pelos governos militares e seus aliados:

Do ponto de vista político, o papel central da mídia foi inicialmente reconhecido pelo estado militar durante o regime autoritário. Foram os militares e seus aliados civis que – por razões, em primeiro lugar, de segurança nacional, e de mercado em segundo – criaram as condições de infra-estrutura física indispensáveis à consolidação de uma mídia nacional. E foram também eles que primeiro fizeram uso político dela, não só com o recurso à censura, mas sobretudo com o apoio “conquistado” – explícito em muitos casos – das principais redes impressas e eletrônicas, algumas consolidadas durante o próprio período militar. (LIMA, 2004, P.51)

As sociedades contemporâneas, em sua maioria, podem ser consideradas centradas na mídia, segundo o autor. Isso porque a própria tomada de decisões nesse contexto e em diferentes atividades provém do conhecimento público comum oferecido por ela. O autor dá como exemplo a importância que tem no processo de demonstrar ao indivíduo a vida em sociedade. Ele afirma que instituições históricas do ensino deste convívio, como a família, a igreja e grupos de amigos, perdem espaço diante do consumo de meios audiovisuais.

Isso demonstra a importância da participação de igrejas, muitas vezes como proprietárias de veículos de mídia. O autor observa ainda que o principal papel da mídia é a construção de realidade que ela produz em longo prazo.

2.1.5 Oligopólios e Igrejas

O autor conclui que a mídia é controlada por grupos familiares que mantêm uma relação com a política, fazendo parte de oligarquias de poder tanto regional quanto nacional. Por isso ele traz uma definição quanto a essas mídias como sendo uma espécie de “coronelismo eletrônico”: “uma prática política onde o poder concedente do serviço público de radiodifusão muitas vezes se confunde com o próprio concessionário, atualizando e reproduzindo com roupagem nova o coronelismo da República Velha para o tempo presente.” (LIMA, 2010)¹²

¹² Pode ser acessado em: <http://recid.redelivre.org.br/2010/09/28/etica-midia-poder-brasil/>

Lima salienta que o Grupo Globo são um dos grandes exemplos dessa condição, por concentrarem verbas publicitárias desproporcionais à audiência relativa de seus veículos. No início da década de 2010, a Rede Globo de Televisão concentrava 60% da verba de publicidade que as empresas colocavam na televisão aberta, tendo as demais emissoras que dividir o resto. Isso, nas observações do autor, traria consequências de poder e centralização de mídia.

Talvez uma ameaça a essa hegemonia esteja no poder midiático que muitas igrejas têm alcançado. Lima observa que igrejas, principalmente neopentecostais, têm assumido uma participação extensiva, tanto na radiodifusão, quanto no impresso, e já apresentam seus programas também na televisão. Apesar de historicamente a Igreja Católica ser a maior detentora de concessões de rádios no país e estar presente na televisão aberta, o autor observa que a presença dessas igrejas é cada vez mais comum e passa a fazer parte das relações de mídia do país. O autor observa: “Em alguns casos, a presença das igrejas como concessionárias é bastante evidente como, por exemplo, na programação vespertina dos canais da TV aberta, tanto em VHF como em UHF.” (LIMA, 2010)¹³

2.2 A política e a mídia para as igrejas

Venício A. de Lima também traz considerações sobre a forma como a mídia está ligada à política. Ele observa que a política é, num regime democrático, uma atividade pública num contexto em que a mídia é que determina o que é público ou privado. Uma das provas apresentadas pelo autor de tal condição é a ideia de evento público. Anteriormente, isso designava que um espaço e um tempo estavam sendo divididos por um grupo de pessoas. Com a mídia não é necessária tal partilha para que o evento se faça público. As igrejas se apropriam disso quando apresentam seus conteúdos e cultos, no ambiente da internet ou por meio de outras mídias.

Essa situação gera uma mudança no fazer político e midiático. Ele explica:

Essa nova situação provoca consequências imediatas tanto para quem deseja ser político profissional quanto para a prática da política. Isto porque (a) os atores políticos têm que disputar visibilidade na mídia, e (b) os diferentes campos políticos têm que disputar visibilidade favorável de seus pontos de vista. (LIMA, 2004, p. 51-52)

Essa condição explica a presença maciça das igrejas nas rádios e emissoras de televisão e na política, uma vez que a mídia pode ser uma força impulsionadora de suas

¹³ Pode ser acessado em: <http://recid.redelivre.org.br/2010/09/28/etica-midia-poder-brasil/>

ideias, enquanto a política sustenta seus pontos de vista. O mesmo acontece na via contrária: essas igrejas também sustentam os políticos ligados às mesmas.

Como verificado no primeiro capítulo, as igrejas têm uma participação considerável em canais de comunicação, e essa participação traz mais visibilidade e novos membros para esses grupos religiosos. Igualmente neste capítulo vimos que a política tem grande interferência na mídia e esta na política.

2.2.1 Relação com a Política

As várias fases dos evangélicos também divergem na forma como eles observam a política. Os históricos tendiam a observar a política como forma de defender seus ideais e conseguir alguma proteção legal. Assim nota-se um contato comum entre pastores e missionários com os governantes.

Os evangélicos da primeira onda não tinham muito apreço por política. Sua forma de enxergar o mundo os levava a concluir que o fim do mundo estava próximo, e portanto não havia necessidade de se perder tempo, sendo a única necessidade a de evangelizar e se manter santo para o retorno de Cristo. Com o tempo, a Assembléia de Deus reviu sua posição, inclusive elegendo candidatos e tendo grande influência sobre a política, como os já citados pastores Marco Feliciano e Silas Malafaia (sendo o primeiro um político, de fato, e o segundo uma liderança de considerável poder político).

As igrejas da segunda onda e da terceira se assemelham muito no que diz respeito a sua forma de ver a política. Percebem nela uma oportunidade de se fortalecer e defender seus interesses no governo. Talvez o diferencial seja o período, pois na segunda onda essa influência era mais difícil, visto que o grupo dos evangélicos ainda estava por crescer largamente, o que representava uma influência menor. Na década de 80, no início da terceira onda foi lançado um livro do pastor da Assembléia de Deus Josué Sylvestre que defendia a necessidade dos evangélicos votarem em seus pares. O título era “Irmão vota em Irmão”. Assim na terceira onda as igrejas passaram a colocar representantes no poder legislativo até em escala federal, formando a conhecida bancada evangélica.

Como já observado a radiodifusão e a televisão no Brasil funcionam por meio de concessões de canais para os seus respectivos usuários. Isso configura a necessidade de ter uma força política que permita a manutenção de tais concessões. Além disso, o poder político está ligado à manutenção de determinados usos e costumes que atendam aos anseios das igrejas.

Por essa razão percebe-se o fortalecimento da citada bancada evangélica e os posicionamentos de pastores que apresentam e apóiam candidatos numa busca de legitimar seus respectivos grupos e obter a manutenção midiática e de suas demandas.

2.2.2 A Relação com a mídia

Os primeiros grupos evangélicos, ou seja os históricos, não aparentam dificuldades na relação com a mídia. Embora tenha interagido com uma mídia de menor porte, Simonton (o fundador do movimento presbiteriano no país) chegou a lançar um jornal evangélico no Rio de Janeiro. Os batistas também pareciam não ter problemas com a mídia, e isso faz-nos perceber que, de modo geral, as denominações históricas não dedicaram muito tempo à mídia, mas quando dedicaram não viram nela uma ameaça ou uma manifestação maligna.

Essa visão é contraposta pelas igrejas como a Assembléia de Deus, Congregação Cristã e Igreja Deus é Amor, todas igrejas pentecostais. Essas têm um olhar mais negativo em relação à rádio e outras formas de comunicação que vieram para o Brasil posteriormente. Há de se observar que a Assembléia de Deus, com o passar dos anos, passou a ter uma postura mais flexível e posteriormente até abraçou os meios de comunicação como forma de evangelismo. A essa altura, a utilização desses meios já era bem sucedida em outras igrejas. A Congregação Cristã permanece distante dos meios de comunicação. Tanto assim que mantém uma página curta na internet apenas para esclarecer alguns pontos e elucidar sua posição de não desejar que alguém faça um site para apresentação que exceda as 23 linhas de informação que estão contidas em seu próprio site.

A Igreja Pentecostal Deus é Amor se diferencia das demais igrejas da segunda onda por manter em parte essa posição. Apesar de contar com programas de rádio, a igreja exige que os seus obreiros (membros com cargos) não assistam televisão e não ouçam rádio a não ser em programas por ela autorizados, em sua maioria religiosos e de autoria da igreja.

Fora o caso exposto acima, as igrejas que surgiram durante a segunda onda tiveram uma posição diferente das duas primeiras. Se por um lado, as igrejas históricas não viam mal a mídia, mas também não se aproximaram tanto em sua maioria, as igrejas da segunda onda entendem a mídia como uma grande oportunidade de evangelização. Veem na mídia de massa um forma de alcançar mais fiéis. Por essa razão, muitas delas passaram a manter programas de rádio, e eventualmente, jornais e

demais mídias de massa, além de se aproximarem da televisão. Ainda deve-se observar que algumas igrejas desse período já começaram a manter rádios próprias, o que demonstra a força que elas já começavam a ter, não apenas locando espaços na mídia como produzindo conteúdo em seus próprios canais.

Essa característica se acentuou nas igrejas da terceira onda. As maiores desse segmento têm canais de televisão, de maior ou menor porte, dependendo do canal, e mantêm todas as bandeiras em várias formas de produzir conteúdo midiático. Esse formato permitiu o lançamento de programas que conquistam muitos fiéis.

Também é notável que essas mídias fortaleceram o crescimento das igrejas durante os anos 90. Por essa razão compreende-se que a manutenção das várias mídias por parte das maiores igrejas configura uma demanda natural para que elas venham a cumprir seus objetivos.

3. Histórico

Nesta terceira parte do trabalho pretendemos produzir uma análise do conteúdo jornalístico de dois portais evangélicos. Neste ponto o objetivo é elaborar um conjunto de informações sobre o conteúdo dos sites, Gospel Mais e Gospel Prime, observar a forma como produzem notícia e obter uma ideia do jornalismo produzido por esses veículos. É importante notar que esta análise tenta entender o que essa forma de jornalismo produz.

Nossa referência metodológica foi a “Análise de conteúdo em jornalismo” de Heloiza Herscovitz. O método consiste numa análise de frequência de aparições de assuntos específicos em veículos ou na mídia geral. A autora cita a seguinte definição: “A análise de conteúdo da mídia, por fim, nos ajuda a entender um pouco mais sobre quem produz e quem recebe a notícia e também a estabelecer alguns parâmetros culturais implícitos e a lógica organizacional por trás das mensagens”. (Shoemaker & Reese apud HERSCOVITZ, 2007, p. 123-124).

Esse método não foi utilizado em estrito senso, mas serviu como inspiração numa forma de “avaliar grande volume de informação” através da redução a “categorias baseadas em regras explícitas, previamente definidas com o objetivo de fazer inferências lógicas sobre a mensagem” (HERSCOVITZ, 2007, p. 125).

Elaboraremos primeiramente um breve histórico dos sites, com algumas informações de fundação e objetivos. Depois faremos algumas observações sobre temas comuns e assuntos mais tratados nos veículos para procedermos à análise das reportagens dos referidos temas comuns. Finalmente uma apresentação do jornalismo segmentado como forma de tentar entender o conteúdo dos sites.

Para realizar esta análise estudamos as matérias produzidas por estes veículos de 27 de outubro a 9 de novembro de 2014. Consideramos assim as matérias deste período para quantificar e analisar as áreas mais abordadas por eles.

Os dois portais se declaram interdenominacionais, o que significa que não têm ligações diretas com igrejas. Apesar disso, deixam bem claros os seus posicionamentos em relação à fé e religião.

Os grupos que estudaremos têm um número considerável de sites sob sua administração, mas nos concentraremos nos veículos de notícias, que são, afinal, os portais citados. É importante dizer que ambos os veículos afirmam um compromisso religioso de divulgar sua fé em suas postagens.

3.1 Gospel Mais

Esse portal foi lançado em julho de 2006, associado a diversas distribuidoras de conteúdo cristão, o que ajuda na elaboração de seus numerosos veículos. O grupo que administra o site de notícia conta ainda com 11 outras mídias, entre elas uma tevê online, uma Bíblia Sagrada online, conteúdo musical, de vídeos, livros, blogs, entre outros.

O site formaliza seu posicionamento religioso já na sua apresentação, observando-se como cristão. Ele também traz um ponto em que explica o que considera a sua missão: “Temos como missão divulgar a Palavra de Deus através da internet de maneira excelente, buscando sempre aproximar mais as pessoas a Deus.”¹⁴

A área de notícias, que é o objetivo de nosso estudo, o Gnotícias, afirma-se como “um portal de notícias de tudo que é relevante no mundo gospel”¹⁵. O site também tem uma área de assinantes para recebimento de informações nos contatos, mais de 57 mil assinaturas até o momento da elaboração deste trabalho. Afirma ainda ter mais de 3,1 milhões de visualizações mensais, além de mais de duas mil, na área de colonistas. Entre os dias 27 de outubro e 9 de novembro, foram produzidas 91 matérias. Esse foi o mais ativo dos sites estudados.

3.2 Gospel Prime

Criado em dezembro de 2008, faz parte de um grupo que também possui outros sites na administração, o “Prime Comunicação Digital Ltda”. Eles informam que não têm ligação com igrejas, apesar de permitirem propagandas como parte da renda publicitária do site. Também mantêm na redação jornalistas de diferentes linhas do protestantismo para assim reivindicarem algum tipo de isenção num universo de muitas igrejas evangélicas.

Podemos verificar que o portal mostra seu posicionamento religioso, assim como o concorrente, nesse trecho de sua apresentação: “O Portal Gospel Prime tem como missão contribuir, através da produção, publicação e difusão de notícias do mundo cristão, para uma igreja mais bíblica, que tenha relevância na sociedade moderna.”¹⁶ Além disso, o

¹⁴ <http://www.redegmais.com.br> (acessado em 28/05/2015)

¹⁵ <http://www.noticias.gospelmais.com.br> (acessado em 28/05/2015)

¹⁶ <http://www.gospelprime.com.br> (acessado em 28/05/2015)

site tem uma declaração de fé¹⁷, como a maioria das igrejas protestantes, apresentando a sua linha de crenças.

O veículo afirma ter cerca de 3,5 milhões de visualizações mensais. A página no Facebook tem mais de 320 mil seguidores, até a elaboração deste trabalho. O grupo mantém outras nove mídias, entre elas, músicas para *downloads* legais e notícias de lançamentos, uma área para produção de vídeos e outros. Eles mantêm ainda colunas opinativas, as quais, como no outro caso, não serão estudadas nesse trabalho. Do dia 27 de outubro a 9 de novembro, observamos a produção de 63 matérias, todas analisadas.

3.3 Análise das produções comuns

Uma das grandes dificuldades dos jornalistas é definir os critérios de notícia. Traquina (2005) observa: “Os jornalistas têm uma enorme dificuldade em explicar o que é notícia, de explicitar quais são os critérios de noticiabilidade, para além de respostas vagas do tipo ‘o que é importante’ e/ou ‘o que interessa ao público’” (TRAQUINA, 2005, p.62). Esse tipo de situação se apresenta na maioria dos segmentos do jornalismo. Assim, pode se tornar uma tarefa complicada definir a pauta. Talvez por isso, possamos aqui observar o quanto os objetos deste estudo divergiram nas suas matérias.

O autor dá posteriormente uma definição mais clara de notícia: “são resultado de processos de interação social que têm lugar dentro da empresa jornalística”. (idem, p.157-158). Ele também utiliza o valor notícia como critério: “conjunto de valores notícia que determinam se um acontecimento, ou assunto, é susceptível a se tornar notícia” (idem, p.63). Wolf diferencia os valores notícia entre os de seleção e construção. Os valores de seleção subdividem-se entre substantivos, como notoriedade, proximidade, morte, relevância, novidade, tempo, notabilidade, inesperado, conflitos e controvérsia; e contextuais, por exemplo, disponibilidade, visualidade, equilíbrio, concorrência, dia noticioso. Já os valores de construção, seriam: simplificação, amplificação, relevância, personificação, dramatização e a consonância. Traquina cita Wolf para definir: “funcionam como linhas-guia para apresentação do material, sugerindo o que deve ser realçado, ou omitido na construção do acontecimento como notícia” (Wolf apud TRAQUINA, 2005, p.78)

¹⁷ Lista de valores inegociáveis, elaborada por grupos religiosos, em sua maioria cristãos, para explicarem sua fé.

Utilizando-nos de classificações dos próprios sites, tentamos elencar os principais assuntos por eles abordados. A tabela a seguir apresenta estes temas e a quantidade de matérias ligadas a cada um, além do número percentual.

Tema	Número de matérias	Valor percentual
Política	44	28,5%
Famosos (artistas e esportes)	41	26,6%
Costumes	38	24,6%
Polícia	20	12,9%
Cristãos Perseguidos	11	7,1%

Fonte: Gospel Mais e Gospel Prime

Adiante elaboramos um comparativo por temas, considerando as notícias que ambos publicaram. Assim verificamos a produção de modo a observar quais informações foram cobertas pelos dois, ou seja, como o mesmo acontecimento foi abordado. Optamos por analisar apenas os dois primeiros grupos em virtude da quantidade de matérias e do tempo para análise, visto que eles concentram a maioria das matérias, com mais de 50% dos temas vistos. Esses assuntos serão apresentados a seguir:

3.3.1 Política

Um dos assuntos mais recorrentes nas notícias sobre política foi a repercussão do resultado das eleições. Neste caso, três eixos podem ser observados. No primeiro eixo, entre as matérias comuns a ambos os veículos, esteve presente a abordagem do que disseram pastores influentes sobre a vitória de Dilma Roussef (PT)¹⁸.

O pastor Silas Malafaia foi notícia em ambos por um comentário feito no dia seguinte a eleição: “Desde os tempos de Cristo, o povo prefere ladrão”, diz Malafaia sobre vitória de Dilma” (27/10/2014, Gospel Prime). Essa notícia demonstra a importância que os líderes religiosos têm para as opiniões dos evangélicos. Outras matérias trouxeram opinião de demais pastores, mas optamos por esta por tratar-se de uma reportagem produzida por ambos e por falar de um pastor de grande repercussão. A frase produz como sentido questionar a integridade do partido vitorioso no pleito (PT).

¹⁸ Dilma Roussef se reelegeu presidente da república no dia 26 de Outubro de 2014.

A campanha pelo candidato derrotado Aécio Neves (PSDB) feita por diversos pastores está presente em outras frases de repercussão compartilhadas pelos portais. “Pastores alertam para riscos à sociedade em novo governo petista e cobram seriedade de Dilma” (28/10/2014, Gospel Mais), “Pastor diz que cristão que apoia o PT é ‘traidor da cruz de Cristo’” (06/11/2014, Gospel Prime), entre outros.

O segundo eixo foi a repercussão da vitória junto a lideranças políticas dos evangélicos. Uma pauta abordada por ambos foi a fala do senador capixaba Magno Malta (PR), conhecido líder da bancada evangélica: “Senador Magno Malta afirma que perder as eleições foi ‘livramento de Deus’ para Aécio Neves” (08/11/2014, Gospel Mais). Essa notícia tenta apresentar um sentido positivo para uma derrota política. Mais uma vez, as lideranças evangélicas tornam-se referências para a forma de encarar a derrota sofrida nas urnas.

Uma terceira repercussão comum aos dois veículos foi a declaração de Marina Silva (PSB), candidata derrotada no primeiro turno, a respeito da derrota de Aécio Neves (PSDB), a quem apoiou. “Marina Silva diz que pediu a Deus para que ‘perdesse ganhando’” (05/11/2014, Gospel Prime). Embora a declaração possa ser classificada como mais uma liderança trazendo sua perspectiva do pleito, esta diferencia-se por ser uma candidata declaradamente evangélica e que foi apoiada por muitas lideranças no primeiro turno. Além disso, o candidato derrotado também teve declarações repercutidas: “Aécio Neves afirma que até ‘o diabo se envergonharia’ da campanha eleitoral feita pelo PT” (09/11/2014, Gospel Mais). Não foram registradas declarações de Dilma Rousseff (PT) após a eleição. Uma das razões pode ser o posicionamento dos sites em repercutir o resultado com lideranças do seu grupo religioso, uma vez que estas se posicionaram favoravelmente pelos outros dois candidatos citados.

As escolhas de matérias demonstram que os veículos tiveram um posicionamento contrário à candidata reeleita no pleito de 2014. Esse posicionamento refletiu o lado adotado pelas principais lideranças, tanto entre os pastores quanto representantes políticos. Isso definiu o agendamento de notícias apresentadas na temática política após as eleições.

Outra pauta comum nessa temática envolveu notícias sobre homossexuais. As matérias em relação a esse grupo trazem um conteúdo político por tratarem de questões de leis, além de atos ou declarações de políticos que defendem os direitos LGBT, ou que são contrários. Vamos analisar alguns exemplos a seguir:

“Prefeita lésbica volta atrás e cancela censura a sermões sobre homossexualidade e identidade de gênero nas igrejas” (01/11/2014 Gospel Mais). A matéria traz no título informações sobre a orientação sexual da prefeita, porém, não há qualquer menção ou explicação disso ao longo da matéria. Torna-se, portanto, uma informação imprecisa e vaga para o leitor, uma vez que não se justifica no título. Mas a aparição do termo pode ser uma manifestação do posicionamento comum evangélico quanto a esses grupos, pois a presença dessa observação em relação à prefeita pode transmitir a ideia de que sua medida ocorreu apenas em função de sua orientação sexual.

Também observa-se outro ponto de conflito entre a matéria e seu título:

(...) irá retirar as intimações que havia feito para que cinco pastores da cidade submetessem seus sermões a uma análise prévia da prefeitura, caso os mesmos tratassem assuntos como a homossexualidade e a identidade de gênero, ou até mesmo se apenas citassem a prefeita ou sua gestão. (01/11/2014, Gospel Mais).

O trecho sublinhado foi marcado pelo próprio veículo. Não há qualquer menção à ideia de que os sermões seriam proibidos ou impedidos de serem veiculados, o que contraria o significado de que seriam censurados. Portanto o termo perde significado quando a questão é explorada no texto.

Outra matéria que demonstra a importância das questões homossexuais está na reportagem: “Bancada Evangélica anuncia que terá mais força para se opor a temas polêmicos, como a agenda gay” (02/11/2014, Gospel Mais). Essa notícia é apresentada como forma de discutir o crescimento do número de parlamentares evangélicos para o congresso que seria formado em 2014 (o aumento do número em relação ao congresso de 2010 foi de 14%; em números absolutos, passou de 70 para 80 deputados). Não são abordadas apenas as questões LGBT, mas também a legalização de drogas. Não há declaração de nenhum político, mas utiliza-se uma fala do pastor Silas Malafaia. O título da reportagem fornece a “agenda gay” como exemplo de tema polêmico, e algo contra o qual esses parlamentares estarão lutando a partir de 2015. Observa-se neste trecho:

Na última quinta-feira os representantes da bancada evangélica no Congresso Nacional comentaram seu crescimento de 14% após as últimas eleições afirmando que agora terão mais força em sua luta contra temas que julgam polêmicos, como os relacionados a homossexualidade e drogas.

A atuação dos representantes de igrejas evangélicas na política nacional também foi comentada pelo pastor Silas Malafaia, presidente da Assembleia de Deus Vitória em Cristo, que classificou a bancada evangélica como “um muro” contra as manobras de ativistas homossexuais. (02/11/2014, Gospel Mais).

Estes casos expõem que os portais estudados atendem a uma demanda comum do público evangélico por notícias políticas ligadas à temática homossexual. Essa demanda exige um posicionamento crítico e de enfrentamento nas matérias.

3.3.2 Famosos

A temática trata de pessoas conhecidas publicamente e que, de alguma forma, têm ligação com os evangélicos - seja por compartilharem a fé do grupo, por uma declaração ou ainda por serem lideranças religiosas, protestantes ou não. Algumas dessas reportagens serão relacionadas aqui.

As reportagens repercutiram declarações de famosos a respeito da própria fé. Um caso foi o da atriz da Rede Globo Bruna Marquezine: “Bruna Marquezine nega que tenha se tornado evangélica, mas ressalta: ‘Acredito em Jesus’” (31/10/2014, Gospel Mais). O título, por um lado, repercute que a artista não admitiu ter se tornado evangélica, mas constrói a ideia de que se tornou frequentadora assídua dos cultos de uma igreja do Rio de Janeiro, além de ter visitado outras. A matéria observa, também, que a atriz tem utilizado muito material evangélico (músicas, textos) em suas postagens em redes sociais. Há uma defesa de que ela esteja muito próxima dos evangélicos, mesmo que a declaração repercutida seja contrária a isso. A exemplo desse trecho de matéria feita pelo Gospel Mais:

“Esse mês, um site de celebridades publicou a notícia de que Bruna frequenta cultos na Igreja Batista Central da Barra da Tijuca, onde a cantora Fernanda Brum é uma das pastoras, e ‘é querida por lá’, além de impressionar “por saber cantar todos os louvores’.” (31/10/2014, Gospel Mais)

Outro caso apresentado é o do escritor Stephen King. “Eu escolho acreditar em Deus, diz escritor Stephen King” (05/11/2014, Gospel Prime). A matéria repercute declarações do escritor a revista Rolling Stone falando sobre um novo romance do autor sobre um pastor questionando suas crenças. King faz declarações teístas, sem necessariamente ligar-se a uma religião ou mesmo a Jesus Cristo. Na matéria são expostas declarações sobre os “benefícios” de se acreditar em Deus. Podemos ver um pouco disso nesse trecho:

Apesar das dúvidas o americano afirma que acreditar em Deus “torna as coisas melhores”, declaração que foi destacada pela publicação.

“Eu escolho acreditar que Deus existe e, portanto, posso dizer: ‘Deus, eu não posso fazer isso por mim. Ajuda-me a não tomar uma bebida hoje. Ajuda-me a não tomar uma droga hoje’. E isso funciona bem para mim”, disse King. (05/11/2014, Gospel Prime)

Há também uma reportagem sobre o ator norte-americano Shia LaBeouf e sua “conversão”. A matéria traz declarações dele: “Ator Shia LaBeouf diz que se converteu ao Evangelho durante gravações do filme 'Fúria'" (29/10/2014, Gospel Mais). A matéria apresenta atitudes consideradas incorretas do ator, dentro da visão evangélica, como seus problemas com o alcoolismo, além de confusões em boates que o teriam levado a ser detido pela polícia. Traz ainda declarações do artista explicando sobre como a nova crença estaria ajudando-o a se tornar uma pessoa melhor, como exposto nesta declaração: “Podia ter me limitado a fazer as orações do script, mas acabou por ser algo muito real que me salvou” (29/10/2014, Gospel Mais). A matéria, porém, apresenta uma polêmica quanto à linguagem do ator, que teria usado palavrões em outras afirmações sobre a sua “conversão”. Tal atitude foi questionada por também ir contra os valores dos evangélicos.

Esses exemplos trazem uma perspectiva quanto à forma de os evangélicos verem os famosos. Buscam neles pessoas que sirvam de exemplo de indivíduos importantes que creem como forma de evangelismo. O último exemplo é emblemático por ser o mais claro dessa forma de ver essas pessoas. No primeiro vemos uma negativa da atriz global quanto a esse objetivo, mas tenta-se mostrar o oposto como forma de dizer que Bruna Marquezine está próxima da visão evangélica. Igualmente, no caso do escritor Stephen King, trata-se o teísmo dele como um exemplo cristão, embora a crença não esteja, obrigatoriamente, associada ao Cristianismo, mas apenas a uma visão de mundo que aceita a existência de um ser supremo.

Outro exemplo é emblemático por ser o mais claro dessa forma de ver essas pessoas: trata-se de alguém que afirmou ter se tornado cristão, o que facilita o desenvolvimento da ideia de que mudou de vida graças a sua “conversão”. Nele já vemos a cobrança de uma visão ética protestante por parte do jogador de futebol evangélico Kaká. “Kaká e Carol Celico se separam após nove anos de casamento” (04/11/2014, Gospel Prime). A notícia do divórcio do atleta vai de encontro a uma

pretensa moral que os evangélicos exigem dos que se declaram assim, pois o divórcio não é bem visto por esse grupo.

A questão gerou tamanha discussão que o Gospel Mais fez uma reportagem exclusiva sobre a repercussão: “Kaká e Carol Celico são criticados após confirmarem o fim de seu casamento: ‘Estão distantes dos caminhos do Senhor’” (08/11/2014, Gospel Mais). A matéria é feita com base no que escreveram alguns seguidores do casal em redes sociais, e não há contraponto. As aspas do título se referem a uma declaração de uma seguidora de Carol Célico, dirigindo-se diretamente a ela, sem se referir a Kaká - inclusive o termo “estão” aparece indevidamente, pois não está na fala original: “Carol, que triste ver uma mulher que já pregou a palavra distante dos caminhos do Senhor...” (08/11/2014, Gospel Mais). Há ainda muitas outras críticas na matéria, todas de anônimos.

Outro caso muito semelhante de matéria sobre famosos evangélicos que trata de conduta moral: “Evangélica, candidata a Miss Bumbum faz ensaio sensual mas afirma que não irá posar nua se vencer” (01/11/2014 Gospel Mais). Apesar de num primeiro momento ser possível pensar que a motivação da pauta partiu da religião da personagem, a matéria discute muito mais os seus atos, além da afirmação de não posar nua. Aborda também fotos sensuais publicadas ao lado da amiga e também modelo Andressa Urach e fotos produzidas pelo concurso em questão. Assim o que está sendo colocado na pauta é o procedimento da modelo diante da religião que professa. Podemos ver um exemplo neste trecho da reportagem:

Apesar de afirmar que não irá posar nua caso seja a vencedora, no ensaio feito recentemente para impulsionar sua candidatura no concurso Miss Bumbum, Rebeka Francis fez topless e posou usando luvas de boxe, afirmando estar “pronta para o confronto final das bundas”. (01/11/2014 Gospel Mais)

Esse tipo de matéria é a discussão do “mau testemunho” (termo usado na matéria citada acima e em outras) dado por personalidades cristãs que têm alguma conduta reprovada na moral do grupo. O exemplo de Kaká foi o mais claro de uma exigência que se faz de uma conduta “ilibada” dessas pessoas e que demonstra uma das principais razões de interesse dos evangélicos nesse tipo de notícia.

As lideranças evangélicas também representam importante fonte naquilo que é veiculado por esses grupos. Muitas vezes trata-se de informações sobre aparições na TV: “Silvio Santos pede programa especial sobre Edir Macedo” (30/10/2014, Gospel Prime). Essa matéria repercute o pedido do dono do SBT por programas com o bispo da Universal, importante liderança evangélica e também dono da Rede Record.

Há também a repercussão de declarações de lideranças de outros grupos, como nesta reportagem: “Big Bang e Teoria da Evolução não contradizem a lei cristã, diz papa” (28/10/2014, Gospel Prime).

O que mais se produz, no entanto, são matérias nas quais esses líderes religiosos tratam de questões de moral, como nesta matéria: “Pastor Marco Feliciano diz que não casou virgem e lamenta ‘erotização precoce’ de adolescentes” (05/11/2014, Gospel Mais). A reportagem trata do relato de Feliciano sobre a iniciação sexual e seus comentários sobre isso atualmente:

Todavia, a primeira vez dele com a esposa não foi sua primeira vez. Marco perdeu a virgindade ainda garoto, com uma mulher aproximadamente três décadas mais velha. Depois de adulto, aos 35 anos, reencontrou-se com a senhora que o apresentou aos prazeres da carne: ‘Ela sorriu para mim, desdentada. Quase saí correndo!’, confessa o pastor, de acordo com informações da jornalista Anna Virginia Baloussier, em seu blog *Conversa Suja*.

O passado não impede que Feliciano hoje pregue contra a erotização que cerca os adolescentes em ‘danças do funk’, que mais se parecem uma ‘simulação do ato sexual’.

‘Hoje até com poste se transa’, lamenta o pastor, que tem saudades do tempo de sua infância, quando “o troféu era a moça casar de branco”, para posteriormente, o noivo estender o lençol manchado de sangue na janela como prova da pureza de sua amada. (05/11/2014, Gospel Mais)

O relato mostra o tipo de conduta que o pastor prega para seus fiéis e como isso define, para alguns, a forma de se relacionar. Compõe assim o mais constante tipo de matéria com religiosos famosos, sempre tratando de questões de comportamento na busca por definir uma moral que deve ser seguida a risca pelos fiéis.

Conclusão

Pretendeu-se neste trabalho entender melhor a formação de um jornalismo segmentado ao público evangélico. Os evangélicos compõem um grande arco de denominações, ideias e crenças que torna complexo entender os anseios que os caracterizam. Entretanto o estudo de sua forma de noticiar, suas preferências em relação às pautas nos ajudaram a ter uma maior percepção nessa área.

Os protestantes cresceram no Brasil desde o século XIX, tiveram períodos em que houve mudanças em seu enfoque, mas apresentando uma linha de pensamento própria em algumas áreas, muitas vezes inspirada em ideais estrangeiros. Isso os levou a ter posicionamentos específicos, justificando a necessidade de notícias escritas num formato que atendesse a seus anseios próprios.

Se no início havia uma relação neutra com a mídia, e posteriormente uma relação de repúdio, o neopentecostalismo demonstrou que era necessário usar dos meios de comunicação para expor e propagar as ideias comuns ao grupo. Isso ajudou no processo de crescimento e permitiu que os evangélicos comessem a buscar seus próprios meios para se informar, sob uma influência de sua própria fé, dando espaço, dessa forma, para portais como os que estudamos.

O crescimento na mídia também se manifestou na política. Eles são a segunda maior religião do país, atualmente, e com 22,2% da população, segundo o censo de 2010 realizado pelo IBGE, demonstram ser uma fatia capaz de exercer poder político.

A mídia, por sua vez, também tem uma história de desenvolvimento lento no Brasil. Começou como algo restrito a um público muito específico, por causa da complexidade de sua linguagem para a maior parte da população. Com o tempo, e as novas tecnologias, isso mudou. Houve uma massificação, e muitas pessoas puderam ser atingidas pelos diferentes meios de comunicação que, pouco a pouco, chegaram ao Brasil.

Há diversos fatores que caracterizam a mídia no país e tornam-na difícil de democratizar. O fato de as emissoras dos mais utilizados tipos de mídia ao longo dos anos serem concessões públicas gera um problema em função do denominador político resultante disso. Há o problema de uma legislação que está defasada no tempo. E por fim há os oligopólios que fortalecem uns aos outros e dificultam a entrada de outros grupos.

A resposta para isso pode ser encontrada na mídia alternativa. A mídia do Brasil, e da América Latina como um todo, conseguiu desenvolver um lugar para tentar

disputar espaço nos meios de comunicação. De alguma forma isso se aplicou aos evangélicos no início, mas como observado, com o passar do tempo e o fortalecimento desses grupos, criou-se cada vez mais uma pró-hegemonia, de maneira que os evangélicos tentam ser hegemônicos nessa área também, sem alterar os consensos produzidos.

Para atingir esse poder midiático, os evangélicos se fizeram cada vez mais fortes na política. Sua presença veio acompanhada de um crescimento no número de concessões dadas a igrejas. Se antes eram alugados espaços, hoje redes de televisão podem pertencer a representantes de igrejas. E assim construiu-se uma presença cada vez maior na mídia.

Foi produzido para este trabalho um estudo em dois portais da internet com um posicionamento evangélico declarado. Os sites têm um número considerável de visitas diárias e apresentam uma rede de mídias a serem oferecidas a estes visitantes, mas nossa pesquisa se manteve atenta à área jornalística.

O primeiro ponto da análise nos veículos foi a escolha de notícias (qual o principal tema sobre o qual eles fazem menção?). Tentamos entender essas escolhas analisando o histórico e, com base no que já tinha sido estudado, o que define a produção desses sites. Desenvolveu-se assim uma observação tanto geral, aplicada conjuntamente, quanto uma análise mais específica de cada site.

Depois foi visto o conteúdo comum para tentar compreender as matérias de maior interesse que caracterizam ambos. Dessa forma, averiguar as agendas comuns aos dois veículos.

Uma forma de classificar o que é produzido por esses portais pode estar no jornalismo segmentado, como um entendimento de qual a razão do sucesso desses portais. Por que uma mídia diferente consegue atrair a atenção de um público específico?

Marília Scalzo relaciona dois fatores para explicar o que torna uma forma de noticiar melhor e o que torna esse segmento do jornalismo mais interessante para alguns grupos. O foco no leitor e um produto ligado a sua visão de mundo.

Os portais apresentados neste trabalho compartilham da mesma característica que Scalzo apresenta. Eles produzem algo que corresponde ao que o público alvo deseja: um produto ligado a sua visão de mundo, que compartilha de suas opiniões.

Esse diferencial também se aplica aos veículos estudados. Estes portais conhecem aqueles com quem compartilham muitas opiniões. Isso explica o sucesso

desses portais e o porquê de suas matérias obterem êxito, uma vez que atendem a demanda desse público específico.

A análise seria outra forma de entender essas matérias e o aprofundamento em questões que atraem o interesse dos evangélicos. A segmentação permite um aprofundamento nos temas como forma de se comunicar melhor com o público.

É nesse tipo de portal que o evangélico encontrará a repercussão da eleição entre os seus líderes, tanto religiosos quanto representantes políticos. Também nesse espaço ele poderá encontrar informações quanto à conduta de seus representantes na cultura popular. Ou mesmo entender as mudanças que ocorrem nos costumes da sociedade.

Pode-se observar que outras pesquisas devem ser realizadas na área, principalmente no que diz respeito a uma análise das matérias, na sua construção e formas de recorte. Além disso, há muito espaço para a análise desse tipo de produção quando ligada diretamente a uma igreja. E ainda o efeito político que essas mídias podem ter sobre o grupo. Esse trabalho apresentou esse segmento do jornalismo na intenção de entender melhor o que compõe sua produção no sentido de crença e costumes.

Referências Bibliográficas

FERREIRA, Franklin. A igreja cristã na história: das origens aos dias atuais. São Paulo: Ed. Vida Nova, 2013

FRESTON, Paul. Breve História do Pentecostalismo Brasileiro. In ANTONIAZZI, Alberto (coordenador). Nem anjos nem demônios: Interpretações sociológicas do pentecostalismo, Petrópolis: Vozes, 1994

HERSCOVITZ, Heloiza G. Análise de conteúdo em jornalismo. In: MACHADO, Marcia B.; Lago, Claudia (Orgs). *Metodologias de Pesquisa em Jornalismo*. Porto Alegre: Vozes, 2007. 123-142

LIMA, Venício A. de, Ética, mídia e reforma política, 2010, disponível em: <http://recid.redelivre.org.br/2010/09/28/etica-midia-poder-brasil/>

_____. de, REVISTA USP, São Paulo, n.61, 2004, disponível em: <http://www.usp.br/revistausp/61/05-venicio.pdf>

MARIANO, Ricardo, Neopentecostais: Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil, São Paulo, Ed. Loyola, 2ª edição, 2005

MATOS, Alderi Souza de, BREVE HISTÓRIA DO PROTESTANTISMO NO BRASIL, 2011, disponível em: <http://www.mackenzie.com.br/6994.html>

_____, O MOVIMENTO PENTECOSTAL: REFLEXÕES A PROPÓSITO DO SEU PRIMEIRO CENTENÁRIO, 2011, disponível em: <http://www.mackenzie.com.br/6982.html>

MENDONÇA, Antônio Gouvêa, REVISTA USP, São Paulo, n.74, 2007, disponível em: <http://www.usp.br/revistausp/74/12-antoniogouvea.pdf>

MORAES, Dênis de, A Batalha da Mídia: Governos progressistas e políticas de comunicação na América Latina e outros ensaios, São Paulo: Ed. Pão e Rosas, 2009

_____. (org); RAMONET, Ignácio; SERRANO, Pascual, Mídia, poder e contrapoder: da concentração monopólica à democratização da informação, São Paulo: Ed. Boitempo Editorial, 2013

PAIVA, Raquel, Contra-Mídia-Hegemônica. In: Raquel Paiva; Eduardo Granja Coutinho; João Freire Filho. (Org.). Comunicação e Contra-Hegemonia- rotas de comunicação alternativa. 1ed.Rio de Janeiro: 2008, v. 1, p. 163-174

Revista de História da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, n. 87, 2012

SCALZO, Marília, Jornalismo de Revista, São Paulo, Ed. Contexto, 1ª Edição, 2003

TRAQUINA, Nelson, Teorias do Jornalismo – Porque as notícias são como são, Florianópolis: Ed. Insular, 2012

Matérias analisadas

Gospel Mais: “Pastores alertam para riscos à sociedade em novo governo petista e cobram seriedade de Dilma”, 28/10/2014, Gospel Mais, disponível em: <http://noticias.gospelmais.com.br/pastores-alertam-riscos-novo-governo-petista-72207.html>

Gospel Mais: “Ator Shia LaBeouf diz que se converteu ao Evangelho durante gravações do filme “Fúria”, 29/10/2014, Gospel Mais, disponível em: <http://noticias.gospelmais.com.br/ator-shia-labeouf-converteu-evangelho-72246.html>

Gospel Mais: “Bruna Marquezine nega que tenha se tornado evangélica, mas ressalta: ‘Acredito em Jesus’”, 31/10/2014, Gospel Mais, disponível em: <http://noticias.gospelmais.com.br/bruna-marquezine-nega-tornado-evangelica-72280.html>

Gospel Mais: “Evangélica, candidata a Miss Bumbum faz ensaio sensual mas afirma que não irá posar nua se vencer”, 01/11/2014 Gospel Mais, disponível em: <http://noticias.gospelmais.com.br/evangelica-miss-bumbum-nao-posar-nua-72320.html>

Gospel Mais: “Prefeita lésbica volta atrás e cancela censura a sermões sobre homossexualidade e identidade de gênero nas igrejas”, 01/11/2014 Gospel Mais, disponível em: <http://noticias.gospelmais.com.br/prefeita-cancela-censura-sermoes-homossexualidade-72307.html>

Gospel Mais: “Bancada Evangélica anuncia que terá mais força para se opor a temas polêmicos, como a agenda gay”, 02/11/2014, Gospel Mais, disponível em: <http://noticias.gospelmais.com.br/bancada-evangelica-forca-opor-temas-polemicos-72327.html>

Gospel Mais: “Pastor Marco Feliciano diz que não casou virgem e lamenta ‘erotização precoce’ de adolescentes”, 05/11/2014, Gospel Mais, disponível em: <http://noticias.gospelmais.com.br/pastor-marco-feliciano-nao-casou-irgim-72404.html>

Gospel Mais: “Kaká e Carol Celico são criticados após confirmarem o fim de seu casamento: ‘Estão distante dos caminhos do Senhor’”, 08/11/2014, Gospel Mais, disponível em: <http://noticias.gospelmais.com.br/kaka-carol-celico-criticados-fim-casamento-72483.html>

Gospel Mais: “Senador Magno Malta afirma que perder as eleições foi ‘livramento de Deus’ para Aécio Neves”, 08/11/2014, Gospel Mais, disponível em: <http://noticias.gospelmais.com.br/magno-malta-perder-eleicoes-livramento-aecio-72475.html>

Gospel Mais: “Aécio Neves afirma que até ‘o diabo se envergonharia’ da campanha eleitoral feita pelo PT”, 09/11/2014, Gospel Mais, disponível em: <http://noticias.gospelmais.com.br/aecio-neves-diabo-envergonharia-campanha-pt-72501.html>

Gospel Prime: “Desde os tempos de Cristo, o povo prefere ladrão”, diz Malafaia sobre vitória de Dilma”, 27/10/2014, Gospel Prime, disponível em: <http://noticias.gospelprime.com.br/cristo-povo-prefere-ladrao-silas-malafaia/>

Gospel Prime: “Big Bang e Teoria da Evolução não contradizem a lei cristã, diz papa”, 28/10/2014, Gospel Prime, disponível em: <http://noticias.gospelprime.com.br/big-bang-teoria-evolucao-nao-biblia-papa/>

Gospel Prime: “Silvio Santos pede programa especial sobre Edir Macedo”, 30/10/2014, Gospel Prime, disponível em: <http://noticias.gospelprime.com.br/silvio-santos-programa-especial-edir-macedo/>

Gospel Prime: “Britânicos acreditam mais em aliens e fantasmas que em Deus”, 31/10/2014, Gospel Prime, disponível em: <http://noticias.gospelprime.com.br/britanicos-acreditam-fantasmas-deus/>

Gospel Prime: “Bruna Marquezine nega ter se tornado evangélica”, 31/10/2014, Gospel Prime, disponível em: <http://noticias.gospelprime.com.br/bruna-marquezine-nega-evangelica/>

Gospel Prime: “Kaká e Carol Celico se separam após nove anos de casamento”, 04/11/2014, Gospel Prime, disponível em: <http://noticias.gospelprime.com.br/kaka-carol-celico-separam/>

Gospel Prime: “Eu escolho acreditar em Deus, diz escritor Stephen King”, 05/11/2014, Gospel Prime, disponível em: <http://noticias.gospelprime.com.br/escolho-acreditar-deus-escritor-stephen-king/>

Gospel Prime: “Marina Silva diz que pediu a Deus para que “perdesse ganhando”, 05/11/2014, Gospel Prime, disponível em: <http://noticias.gospelprime.com.br/deus-perdesse-ganhando-marina-silva/>

Gospel Prime: “Pastor diz que cristão que apoia o PT é ‘traidor da cruz de Cristo’”, 06/11/2014. Gospel Prime, disponível em: <http://noticias.gospelprime.com.br/pastor-cristao-apoia-pt-traidor-cristo/>